



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico  
Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

## INCLUSÃO SOCIAL, RESSOCIALIZAÇÃO E ECONOMIA SOLIDÁRIA.<sup>1</sup>

Enio Waldir Da Silva<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Projeto de Pesquisa realizado no Curso de Mestrado em Direitos Humanos

<sup>2</sup> Pesquisador institucional do Mestrado em Direitos Humanos

### Introdução:

Com esse estudo buscamos conhecer o fundamento de alguns estudos sobre as experiências de atividades da Economia Solidária voltadas especificamente para a ressocialização de apenados. Esta pesquisa é uma sequência de nossa dedicação a compreender o problema da socialização nas sociedades contemporâneas, as dificuldades para entendimentos mútuos sobre como viver juntos iguais e diferentes. Isto nos levou a compreender estes entendimentos humanos dependiam de visualizar formas concretas de vida que os princípios de Economia Solidária traziam. Ou seja, no interior de uma cultura que se proponha pacífica era necessário garantir dignidade das vidas, a luz do que diz Amartya Sen (2000): somente quando nossas liberdades substantivas individuais estão sanadas é que se pode pensar em uma vida solidária, em liberdade e em responsabilidade. Esta liberdade substantiva é: educação, saúde, trabalho e renda. Isso estando garantido em uma estrutura social democrática as outras liberdades seriam buscadas de modo motivacional pelos indivíduos. Quem deveria garantir isso? O Estado e os indivíduos associados, não um Estado-babá, mas um Estado compromissado e envolvido com outras instituições colaborativas. Isso a Economia Solidária faz: conta com Estado e valoriza seus aspectos socializadores e, ao mesmo tempo, mobiliza os indivíduos para criar entendimentos do trabalho coletivo, associativo e colaborativo. É aí que se insere este nosso estudo e se justifica: ele permite que se compreenda melhor e mais profundamente as possibilidades e limites da Economia Solidária ser uma das penas alternativas no trato ressocializante do preso; contribui também para ampliar culturas menos penalistas e menos estigmatizantes dos indivíduos que sofreram experiências de penalização em penitenciárias, pois trata de mostrar que os potenciais humanos podem aflorar diante de alternativas claras de trabalhar, de viver em paz, em liberdade substantiva e com dignidade e acesso a justiça; um novo conhecimento daí emergente irá contribuir para uma melhor tematização da solidariedade, da inclusão social, das alternativas de vida longe dos crimes.

Metodologia: Foi uma pesquisa qualitativa que envolve estudos bibliográficos e documentais complementado por entrevista dialogal.

Resultados e discussão: Estes estudos bibliográficos foram comparados com as expressões de indivíduos que vivem muito próximo ao contexto de aprisionamento e alguns encarcerados em pena de liberdade condicionada. Ao mostrarmos as possibilidades dos fundamentos educativos e





**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XVIII Jornada de Pesquisa

socializantes da economia solidária regenerar presos, obtivemos uma melhor compreensão deste limites. Em primeiro lugar a crise dos controles sociais é muito mais ampla e não pode ser resolvida por uma iniciativa isolada de voluntários ou mesmo de políticas públicas. Trata-se de se pensar junto o problema dos sistemas de penas e sua relação com os direitos humanos e as novas concepções de penas alternativas que vem sendo experimentadas em muitos contextos sociais. Em termos ideais, os seguintes argumentos são atribuídos as potencialidades da Economia Solidária: a) traz um envolvimento social a pessoas em estado de vulnerabilidade social, além de capacitar os mesmos; b) A Economia Solidária permite a esses egressos das prisões uma alternativa de geração de renda lícita, uma vez que o peso do estigma de ser um ex-presidiário os impedem de conseguir um emprego, agravando ainda mais a situação da criminalidade e da exclusão social; c) Por sua forma organizativas e prospectiva é um grande antídoto da violência; d) A Economia Solidária é uma tecnologia social, no sentido amplo, é uma forma de viver cooperadamente e solidariamente. Em seus aspectos econômicos é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver e é uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda, uma resposta a favor da inclusão social. Em termos práticos, Márcia Alves da Silva (2009) mostra uma iniciativa de processo de trabalho beneficiando os apenados recolhidos no Presídio Regional de Pelotas (RS). O grande desafio é fazer a compreensão destas alternativas para a população carcerária, pois o conceito de trabalho só são assimilável por eles pela lógica do capitalismo. A forma de trabalho associado que está para além da mera execução de tarefas, pois exige o envolvimento total das atividades humanas com a finalidade de atingir na plenitude o ser social, está longe da imaginação deste sujeito sufocado em corpo e alma pelo isolamento e individualismo. Cresce aos olhos quando se fala da renda possível e a participação da família. É preciso muito trabalho para que o apenado compreenda os aspectos afetivos, intelectuais, culturais e sociais que as atividades na economia solidária poderia proporcionar. A autora mostra que a forma mais eficaz é pela Educação e relega relativamente outras atividades desenvolvidas pelos apenados dentro da instituição prisional: marcenaria, estofaria, cultivo de hortas e herbário, curtimento de pelegos e costura, etc, denotando o efeito residual destas atividades. Já o projeto Carpediem – Atenção ao indivíduo e Respeito a sociedade (projeto de ressocialização de presos da Secretaria de Administração Penitenciária do município de Sorocaba -São Paulo). O projeto foi pensado com foco no aprimoramento da ressocialização dos presos primários por crimes de baixo potencial lesivo que passarão por uma custódia detentiva alternativa, num espaço diferenciado. Concluiu-se que o tempo de um projeto precisa ser bem amplo pois precisa-se construir a confiança dos indivíduos apenados. Encontrou maior ressonância nos indivíduos considerado menos bandido e tem ligação com familiares e comunidade. Salla (2011) diz: “Talvez o encarceramento seja o custo mais elevado que a sociedade escolhe. Um dos maiores problemas que se tem no Brasil é que as boas práticas em políticas públicas, às vezes, acabam ficando confinadas a determinados territórios, sem que se tornem o padrão. Salla acredita que o desafio para o administrador público no Brasil é a velocidade do encarceramento. Se conseguisse reduzir esse fluxo de entrada de presos, a gente ofereceria condições de encarceramento melhores. Você precisa ter formas de punir as pessoas que não



Para uma VIDA de CONQUISTAS



**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XVIII Jornada de Pesquisa

necessariamente mandem para a cadeia, fazer com que ela responda pelos seus atos sem que fique presa.

Considerações finais: A conclusão apontou uma série de novidades advindas da realidade: a defesa de que a Economia Solidária, em suas perspectiva de socialização e ressocialização de presos pelos aspectos educativos, encontra mais barreiras em penas do regime semi-aberto do que no regime fechado, pois estes estão mais propensos ao estudo e àqueles só esperam o dia clarear para sair para fora e ir atrás de suas atividades, nunca declaradas. Isso indica que somente a Economia Solidária poderia cumprir suas perspectivas se estiver acoplada a um programa sistêmico do Estado e de Direitos Humanos. Se não possuir um amplo programa políticas publicas de ressocialização os efeitos da Economia Solidária na atual sistema prisional serão muito residuais. É a lógica perversa de exclusão da sociedade capitalista que torna os sistemas prisionais ainda mais uma síntese da cultura de desrespeito a dignidade da vida. Por outro lado ficou claro que a apresentação de meios alternativos de vida é possível a ressocialização destas pessoas. Se apresentarmos a Economia Solidária como um meio de fazer com que estas pessoas possam ter uma ocupação e uma fonte de renda justa é possível reverter a situação de muitos sujeitos presentes nas realidades prisionais. Não por que ela foi feita para esta situação, mas por que a Economia Solidária traz o germe de uma nova civilização e suas dimensões práticas desafiam os poderes públicos e a sociedade civil e mobilizar esforços de combate as misantropias humanas. O Estado e seus representantes julgadores e aplicadores da pena estão de mão atadas diante dos comprometimentos funcionais. Arremedam algumas alternativas, mas sabem da pouca ressonância de um trabalho isolado, fora de um contexto transformativo mais amplo que mude perspectiva de vida digna, justa e pacífica.

Palavras-chave - Economia Solidária;Ressocialização; Direitos Humanos

#### Bibliografia:

SALLA, Fernando. FUNAP. Carpediem – Atenção ao indivíduo e Respeito a sociedade (projeto de ressocialização de presos da Secretaria de Administração Penitenciária do município de Sorocaba - São Paulo, 2011).

SILVA, Márcia Alves da. Educação e trabalho como um processo de emancipação humana: Proposta de economia solidária com trabalhadores (as) apenados (as). Revista Ciências Humanas . Uri. Frederico Westefhalen.V,7 N9 Pg.71-90.dez 2006

SEN, Amartya. Desenvolvimento como Liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.